

Palestra do Guia Pathwork® nº 066

Palestra Não Editada

27 de maio de 1960

A VERGONHA DO EU SUPERIOR

Saudações. Trago-lhes bênçãos, meus queridos amigos. Que este momento seja abençoado. Que cada um de vocês, meus amigos, seja abençoado.

Já discuti extensamente a culpa e a vergonha do homem em relação a seu eu inferior, suas falhas e fraquezas, suas concepções errôneas e seus desvios. Hoje gostaria de discutir outro aspecto da personalidade humana: a vergonha de seu eu superior, a vergonha do que há de melhor e mais nobre no seu coração. Isso pode parecer inacreditável, no entanto, acontece. Tenho certeza de que todos reconhecerão a verdade dessas palavras quando as ouvirem com cuidado.

Em um sentido diferente, o homem sente-se tão envergonhado de todas suas faculdades de amor, de humildade, de generosidade – o que ele tem de melhor para dar, bem como de todas as partes pequenas, egoístas e mesquinhas de sua natureza. Vamos considerar o que causa essa tragédia interna, essa luta sem sentido. Há um único fator principal responsável, que varia em detalhes de indivíduo para indivíduo, a depender da extensão de suas vidas, de sua manifestação na personalidade e da própria vida da pessoa.

Quando uma criança se sente rejeitada – e vocês sabem que toda criança se sente assim, seja seu sentimento justificado ou não, isso não faz qualquer diferença sob o ponto de vista da criança – na maioria das vezes ela se sente rejeitada por um dos pais em particular. Insisto em lembrar que isso não precisa necessariamente ser uma realidade; na verdade, aquele entre os pais que mais lhe parece rejeitá-la talvez lhe tenha um amor mais real que o outro. Mas o que conta é a maneira como a criança sente essa rejeição no acúmulo das depressões interiores que formam as Imagens: as conclusões errôneas rígidas e os padrões de sua vida emocional que daí se originam.

A criança gostaria de ser muito mais amada e aprovada do que é possível, particularmente por aquele pai ou aquela mãe que parece rejeitá-la. Quando esse carinho e essa afeição exclusiva não aparecem, a criança sente como uma rejeição seguida por uma crescente confusão em sua alma. O amor e a aceitação por parte desse pai ou dessa mãe em particular, em emoções sentidas vagamente se torna o único objetivo desejável, muito mais desejável porque parece inatingível no grau que a criança almeja. O objetivo desejado – amor e aceitação exclusivos – passa a ser confundido com a pessoa que o está negando. Por essa razão, na mente confusa e imatura da criança, aquele que lhe parece rejeitá-la torna-se o ser desejado, tomando o lugar daquilo que era desejado originalmente – amor, aprovação e aceitação exclusivas. O resultado adicional dessa confusão é que aquela pessoa que é sentida como a que rejeita parece não amorosa. Ela é desejável porque o que se quer dela é desejável. Consequentemente, não ser amoroso passa a ser um estado desejável. A psique diz: “se eu não for amoroso, serei desejado, meu amor será buscado. Assim como não rejeito aquele que me

Eva Brooch Pierrakos

© 1999 The Pathwork® Foundation (An Unedited Lecture)

rejeita, também não serei mais rejeitado. De certa maneira, aquele que rejeita parece frio, indiferente, livre de emoções. Consequentemente, este padrão de comportamento – imaginado ou real – torna-se desejável e algo para se disputar.

Quando considerarem o processo interno, perceberão que apesar de não ser lógico ao ser analisado e quando as emoções são traduzidas em pensamentos claramente delineados, ele tem sua própria lógica limitada, totalmente compreensível para a mente da criança. Nenhum conflito interno que surja é completamente sem sentido, mesmo entre adultos, o sentimento de vagas emoções semi-conscientes será muito limitado e enganoso quando examinado mais de perto. Uma verdadeira visão interior só pode ser alcançada após a compreensão da lógica peculiar das emoções confusas.

A personalidade desenvolve-se no meio dessa confusão até se transformar num ser maduro, retendo essa impressão particular que com certeza acabará por marcar toda a sua vida emocional. Nas profundezas de sua mente subconsciente sentem que é vergonhoso, portanto, não desejável demonstrar tudo aquilo pelo qual a criança ansiava.

Com frequência, o retraimento do amor e a recusa em amar é menos determinado pelo medo da pessoa em ser machucada ou em ficar desapontada do que pelas circunstâncias aqui descritas. É muito importante que vocês reconheçam este elemento em si, não importa quão escondida e quão conflituosa seja a maneira como se manifesta através de impulsos opostos e compulsões. Problemas de mágoa surgem desse conflito. Eles só podem ser eliminados pelo reconhecimento da existência da conclusão errônea básica a este respeito, com todas as ramificações e as reações em cadeia resultantes.

Por um lado, há a culpa do egoísmo e do egocentrismo que faz do amor uma aventura desvantajosa e não proveitosa. Por outro lado, há a vergonha de amar. Isso, em si mesmo, despedaça o coração humano. Por um lado, vocês tentam forçar-se a amar; por outro, o desejo natural do Eu Superior – o desejo de amar – está impedido porque sentem vergonha dele. Assim, se sentem culpados por não amar e envergonhados de amar.

Vocês também devem considerar que a criança se sente profundamente humilhada quando anseia por amor e afeição, mas é rejeitada em troca. Assim, inconscientemente, forma-se a ideia de que amar é humilhante. Para ela, a pessoa mais desejada rejeitou amá-la e rejeitou a expressão espontânea da emoção. Consequentemente, amar deve ser algo vergonhoso que se tem que esconder. A compreensão de que seu medo de amar frequentemente não se origina do seu medo de ser machucado e de ser desapontado, e sim nos fatos aqui discutidos é uma compreensão profunda muito importante que vocês necessitam em sua autobusca em um estágio mais avançado.

Vocês podem comprovar a existência desse conflito em vários sintomas. Podem encontrá-lo quando observam sua própria reação diante de certas situações ou quando observam como suas emoções reagem e se comportam. Com frequência, o conflito se manifesta de formas ainda mais sutis. Essas sutilezas se expressam quando se envergonham de pedir alguma coisa; quando sentem um sentimento agudo de vergonha ao abrir seu coração e expor suas necessidades mais interiores. Ou quando sentem vergonha de rezar. O que lhes causa vergonha – a necessidade do seu coração, a revelação de seu verdadeiro eu com toda sua generosidade amorosa, incluindo a oração – mostra o que há de melhor em vocês.

Este é outro conflito universal. É desnecessário dizer que ele existe em graus e formas diferentes. Às vezes, é muito óbvio; às vezes está associado a tantos outros conflitos que se torna difícil detectá-lo. Este conflito básico é universal; existe em todos os indivíduos.

Outras circunstâncias desempenham um papel e determinam a extensão desse conflito. É importante levar em consideração qual dos pais parece ser aquele que rejeita. Se o que rejeita é visivelmente “superior”, o que sempre vence, enquanto aquele que ama é o que se encontra numa situação subalterna, aparentemente mais fraco e sob a dominação do outro que rejeita, talvez até um pouco desprezado – seja isso verdade ou não, não faz qualquer diferença, desde que a criança assim o sinta – este conflito torna-se cada vez mais forte na alma. Então, além da própria experiência de rejeição, a criança testemunha uma situação verdadeira ou aparente, que lhe faz acreditar que aquele que é amoroso também é rejeitado pelo outro, tal como no seu próprio caso. Isso cria a impressão que o pai que ama é fraco, ao passo que o que rejeita é forte. Conseqüentemente, o amor torna-se uma fraqueza e mostrar-se indiferente ao amor torna-se um sinal de força, pelo menos inconscientemente. O desejo da criança é ser tão forte quanto aquele dos pais que é desejado e, certamente, não tão fraco quanto o outro.

As conclusões errôneas a esse respeito podem ser muitas. Uma conclusão errônea seria pensar que o pai que rejeita é o forte e o que ama o fraco. A verdade pode ser exatamente o oposto. Mas, esta poderia ser de fato, a situação existente entre seus pais, em alguma medida. Então, a conclusão errônea seria que é o amor que torna fraco o pai amoroso e não outros atributos. A fraqueza seria então, causada por uma distorção do amor. Ou a capacidade de amar poderia ser real, mas outros fatores estariam causando a fraqueza e afligindo esta própria capacidade de amor. Por outro lado, o “forte”, ou seja, o que rejeita pode não ser de fato, forte. Ele pode ter muitas qualidades desejáveis que valham ser imitadas, mas certamente não possui o distanciamento do amor nem a inibição em demonstrar as melhores qualidades de sua personalidade.

Em alguns casos, uma situação semelhante a esta descrita aqui pode existir entre os pais. Em outros casos, é mais sutil e complicada. A situação complica-se, por exemplo, se devido a muitos outros fatores, aquele pai que é considerado o dominador, o “forte”, é exatamente aquele que proporciona mais amor que o outro, o mais fraco que está sob o domínio do “forte”. Cada um dos pais pode então, ter qualidades “desejáveis”, mas estas frequentemente entram em conflito umas com as outras. Vocês podem inconscientemente menosprezar em um dos pais o que tentam imitar no outro, sentindo-se divididos pelo fato de que não se dão conta do que desejam e seu propósito não se realiza porque consiste de fatores que se excluem mutuamente. Quando a situação referente aos pais não é tão óbvia, mas complicada, sutil e enganosa, devido às emoções contraditórias que contém, tanto nela própria como em vocês é mais difícil chegar à raiz do problema, mas, por essa mesma razão, é ainda mais importante chegar a ela, porque é exatamente isso que lhes causa mais sofrimento.

Uma complicação adicional é que, geralmente, a aparência externa não corresponde à situação interna. Em outras palavras, externamente, um dos pais pode ser muito mais dominante que o outro. Mas internamente, não é nem dominante nem “forte” no sentido que aqui discutimos. Internamente entretanto, tal desequilíbrio na relação pode existir de forma muito forte. Vocês não devem esquecer que especialmente quando eram criança absorveram a situação interna; registraram essa situação interna de forma muito clara, mas o que conservaram na memória intelectual foi a situação externa. A última tem muito menos efeito sobre vocês que a primeira. Não importa como de fato seja a situação externa, vocês sentem de forma aguda que aquele pai que é dependente, desprovido, ca-

rente, é o inferior, enquanto aquele que rejeita essas carências e essas necessidades é visto como forte e superior. Assim, se aliam de forma muito sutil ao pai que rejeita e tal como ele (ou ela), passam a rejeitar o outro, aquele que parece fraco. Vocês prefeririam ser aceitos pelo que rejeita e é desejado, do que se identificar com o que é carente, fraco e dependente. Mais uma vez, não importa – já que se trata do seu eu mais profundo – se de fato, concretizam essa rejeição por palavras e atos ou se apenas desejam fazê-lo, mas são impedidos pelas circunstâncias. A simples inclinação nesta direção já é suficiente para fazê-los senti-la como uma traição e num certo sentido é de fato uma traição que inclusive, se agrava na medida em que abandonam aquilo pelo que mais anseiam.

Assim, traem o que há de melhor em vocês porque impedem o desdobramento de sua capacidade de amar. Ao mesmo tempo, traem aquele pai (ou mãe) que de fato, lhes deu aquilo que desejavam receber do outro. E inconscientemente, passam a considerar o próprio ato de dar uma fraqueza que merece desprezo.

Esta traição é sutil, mas é ao mesmo tempo o conflito mais dominante em sua alma. É necessário que encontrem no decorrer de seu trabalho aquela sua parte com a qual cometem uma traição não apenas ao que têm de melhor, de mais elevado e de mais nobre, mas também uma traição àquele pai (ou mãe) que foi o mais fraco, a princípio; e que deve tê-los amado e cuidado de uma forma muito mais satisfatória.

Encontrar essa traição interna e interrompê-la é importante, não por causa daquele pai ou daquela mãe em questão, mas principalmente porque é um sofrimento para si mesmos, muito maior do que conseguem perceber. Essa traição lhes pesa com culpa. É a mais profunda de suas culpas. Há pouco tempo atrás discutimos os sentimentos de culpa e lhes falei da frequência com que o homem cria culpas imaginárias ou com que censura a si próprio por culpas que não são importantes de fato. Fazem isso, unicamente para não ter que encarar sua principal culpa. Esta, na maioria dos casos, mantém-se escondida, fora do alcance da sua consciência. Enquanto não descobrirem, confrontarem e conhecerem todas as ramificações e todos os aspectos dessa traição àquele pai (ou mãe) que mais o amou pelo outro que lhes deu menos (pelo menos, de acordo com seus sentimentos) essa traição vai obscurecer sua perspectiva de vida. Vai eliminar sua autoconfiança, sua segurança em si mesmo, seu respeito próprio. Ela será responsável pela raiz mais profunda de seus sentimentos de inferioridade. Vocês não conseguirão se sentir confiantes em si próprios se mantiverem essa traição trancada em sua alma. Sua psique diz: “como posso confiar em mim mesmo sabendo que sou um traidor, sabendo que constantemente continuo traindo o melhor que há em mim. Se não consigo confiar em mim, também não poderei confiar em mais ninguém”. Essa é uma consequência natural, é resultado de uma reação em cadeia. Se não confiam nas pessoas, com certeza irão atrair aqueles que sempre lhes confirmarão que vocês não têm qualquer razão para confiar neles. Mas, se genuinamente confiam nos outros, serão capazes de discernir e julgar de forma apropriada e conseguirão atrair um bom número de pessoas que irão confirmar sua confiança na humanidade. Mas isso só pode ocorrer se, primeiro tiverem condições de confiar em si próprios. Isso, por sua vez só pode ocorrer se encontrarem e eliminarem a traição básica que indiquei.

Assim, meus amigos, encontrem essa traição que carregam em si. Corram ao encalço dela, mesmo que não tenham mais a oportunidade com seus pais. Talvez vocês estejam transferindo esses mesmos sentimentos para outras pessoas que mesmo remotamente, podem estar psicologicamente no lugar deles. Talvez um amigo, o marido, a mulher, um parente, um colega; alguém que esteja por perto e seja querido e importante de alguma forma. Vocês continuam com essa traição da mesma

forma sutil como traíram aquele pai ou aquela mãe. Sempre que se encontrarem numa situação na qual rejeitam uma pessoa que está pronta a lhes oferecer amor e afeição genuínos ou amizade, ou qualquer tipo de ajuda e que, por qualquer motivo sentem (não é necessário que assim seja de fato) que é uma pessoa desamparada ou fraca ou dependente de alguma forma passam a atribuir a ele ou a ela o papel daquele entre os pais que era o “fraco”. Por outro lado, pode existir alguém que não esteja tão disposto a lhes dar o que desejam. Não é necessário que seja amor, pode ser respeito, admiração, aceitação. Então, essa pessoa assume o papel do pai que rejeitava. Examinem suas emoções mais sutis e enganosas. Busquem o sentido oculto dos fatores às vezes válidos, mas que ainda podem ser racionalizações para a traição interna que cometeram, mais uma vez, contra aquele pai ou mãe em particular, bem como contra seu eu mais profundo.

Este ato de traição é tão sutil, meus queridos amigos, que não é possível apontar nenhum ato concreto que de fato, hajam cometido. O ato de traição não poderá jamais ser provado por ações concretas (pelo menos, em muitos casos). Se não desejarem verdadeiramente examinar suas reações e emoções mais profundas no que se refere a isso, ninguém poderia convencê-los a fazê-lo. Seus argumentos provando que não é assim iriam sempre parecer mais convincentes. Mas, seu coração jamais estará convencido e é isso que realmente importa.

Para apresentar o problema em seus termos mais simples, podemos dizer que ele se baseia na seguinte conclusão errônea: o amor é fraqueza; a negação do amor e da afeição é força. Já que não desejam ser fracos e carentes não apenas disputam a pessoa que corresponde a seu conceito errôneo de força, mas também, traem aquele pai ou mãe que lhes parece fraco. Ao se darem conta de suas emoções, das reações e atitudes que correspondem a essa concepção errônea podem, então, reconsiderar esses conceitos e formar novos, de acordo com a verdade. Verão que muitas das confusões e dos seus erros os fazem cometer atos de traição que provocarão, mais adiante, muitas consequências negativas, tanto em sua vida interior como exterior. Essa compreensão e discernimento os tornará capazes de reconhecer a realidade e será isso que lhes dará força. É da maior importância que comecem a procurar nessa direção. Encontrem aquela parte em suas emoções à qual atribuem fraqueza – verdadeira ou imaginária – ao amor e à humildade que lhes dão o sentido de saúde e realidade. Encontrem aquela parte que os faz acreditar que força significa desinteresse ou um tipo de frieza. Ao encontrarem-na, aí estará a traição que cometem contra si próprios.

Quando descobrirem seus conceitos errôneos e pouco a pouco, comecem a adotar os conceitos corretos, não mais temerão que o amor seja humilhação; que a humildade, a generosidade, a afeição e qualquer demonstração do seu eu verdadeiro sejam sinais de fraqueza. Seu eu verdadeiro encontra-se frequentemente escondido por trás de um muro de pedra. Esse muro não representa maldade, nem mesmo egoísmo. Não é, tampouco, o medo de se machucar ou de ser desapontado. Sim, tudo isso contribui, mas em grau menor. Os principais componentes desse muro por trás do qual escondem seu verdadeiro ser é a vergonha de fraquezas imaginárias, a vergonha de ser quem são de fato com toda a ternura e compreensão; com toda a simpatia e vulnerabilidade de seu coração amoroso.

Há muitas pessoas que podem dizer, “isso não se aplica a mim porque sou uma pessoa muito demonstrativa. Dou amor por inteiro e de forma espontânea”. Nesses casos, talvez isso seja parcialmente verdade que o verdadeiro eu não esteja escondido. Mas isso só se dá em certos casos muito raros – apenas quando diz respeito a uma entidade que já esteja muito avançada em sua purificação. Uma parte do eu verdadeiro se manifesta, mas a outra parte permanece escondida. Sim, vocês po-

dem ter esse coração generoso que deseja dar o melhor de si e que pode atravessar todas essas camadas de erros e concepções errôneas. Mesmo assim, se retraem, limitando-se a se fechar em concha ou a se esconder atrás de seu muro. Parte do que demonstram como amor e doação de si talvez não emane de seu verdadeiro eu, mas seja um *empréstimo* por assim dizer. Não é verdadeiramente seu próprio eu. Mais uma vez, isso é muito sutil. Separadamente, cada um de vocês, apenas no decorrer de seu próprio trabalho, poderá sentir até que ponto isso se aplica ou não ao seu caso.

A questão, portanto, é: por que mantém o melhor de si trancado enquanto “pedem emprestado” um padrão de comportamento parecido e o usam como um substituto para seu eu verdadeiro? Às vezes, sentem sua personalidade como amorosa, doadora, destravada, mas essa pode ser apenas uma parte do seu eu verdadeiro. Por que? Como acabei de explicar, a vergonha de amar e de se dar faz com que escondam seu verdadeiro eu atrás de um muro. Inevitavelmente, pensarão que foram condenados e abandonados. Isso não os leva, de forma alguma, a reconsiderar a primeira impressão de que o amor é algo vergonhoso. Em primeiro lugar, essa não é mais uma impressão consciente; conseqüentemente, vocês não conseguem mudá-la. Vocês sabem muito bem, que não se pode mudar algo que permanece escondido da consciência. Em segundo lugar, a primeira impressão, aquela que causou a conclusão errônea, é muito mais forte, infinitamente muito mais poderosa que todas as impressões e experiências posteriores. Por essa razão, vocês mantêm um compromisso de reter ambas as conclusões errôneas originais; tanto a conclusão de que “não devem amar, e não devem expor seu eu verdadeiro”, como a nova experiência que lhes mostra que continuar indiferente lhes traz censura e solidão. Esta os impulsiona a uma maior disponibilidade para expressar suas emoções e o amor, mas ela não é, em absoluto, real. Ainda assim, não estão mostrando seu eu verdadeiro.

Não estou querendo dizer que essa personalidade destravada substituta é uma afetação, ou o que se pode chamar de “embuste”. Não. É muito mais sutil que isso. É uma parte de seu ser, mas não o eu verdadeiro. Entretanto, algumas emoções do eu verdadeiro fazem parte dessa camada sobreposta. Mas, muitas outras tendências, originárias desses conflitos, diluem a pureza da personalidade original e verdadeira. Assim, dramatizam a si próprios e seu amor de forma sutil, mais ainda porque não ousam mostrar aquilo que é real.

Isso acontece em diferentes facetas da vida. É mais facilmente encontrado na relação de amor entre os sexos. Também pode ser encontrado em outros aspectos da vida, em outros relacionamentos.

Assim, podem perceber onde essa fase específica do trabalho os levará. Quando encontrarem e compreenderem a traição e a forma como ela se aplica ao seu caso individual, também perceberão que na maior parte do tempo, continuam a manter escondido o eu verdadeiro. A partir dessa constatação preparam o terreno para permitir que o eu verdadeiro evolua e apareça às claras. Esse trabalho não é tão fácil como parece, nem tão difícil como pode parecer para alguns de vocês. Esse é um conflito tão fundamental e universal que ninguém, absolutamente ninguém, está completamente livre dele.

Neste ponto, já perceberam a extensão do significado desse conflito. Porque, o objetivo da purificação é deixar livre sua verdadeira personalidade. É esse o significado real da liberdade e a única maneira possível de viver feliz, ser forte, no sentido saudável e no sentido real. O próprio fato de se darem conta desse conflito, de começarem a sentir como ele se manifesta no seu caso pessoal, mesmo muito antes de conseguir abrir a porta da prisão e deixar seu eu verdadeiro sair, os fará vi-

venciar uma maravilhosa e nova força interior. Nada, exceto a consciência de que essa força interior existe e a constante observação de como ela se manifesta, de uma forma ou de outra, em suas reações emocionais a cada dia, os colocará mais perto da completa retirada das barras de sua prisão para que possam liberar o que é verdadeiro em vocês. E aquilo que é verdadeiro lhes encherá de alegria. Perceberão então, claramente e sem qualquer dúvida como era errado pensar que tinham que esconder o que há de melhor em si como se fosse algo vergonhoso. Perceberão que isso representava um fardo pesado e desnecessário, para esconder seu eu real. Uma pessoa costumava escondê-lo por trás de uma máscara de indiferença e de uma pseudoforça. Outra, por trás de uma camada sobreposta de algo que se assemelhasse ao eu verdadeiro em todos seus melhores aspectos, mas que não fosse ele, de fato. Em ambos os casos devem remover essa camada e ver onde se encontra o eu verdadeiro. Permitam-no que se mostre mesmo se no início, ele só apareça em raras ocasiões com toda a cautela. Mas, então, aquilo que é verdadeiro em si perceberá que estava totalmente errado e que não há o que temer, não têm do que se sentirem envergonhados. O medo surge principalmente como uma consequência da vergonha, da exposição. Por meio desse processo, conseguirão remover o mundo fantasma que criaram a partir dessas falsas impressões da sua infância. Vocês não têm a menor ideia do extraordinário alívio que representará a retirada desse mundo fantasma e o fato de conseguirem viver na realidade. Porque só é possível viver na realidade assumindo seu eu verdadeiro. As camadas sobrepostas criadas a partir de conceitos irreais não podem viver no mundo da realidade. Vocês passarão a viver em liberdade e não mais irão considerar necessário trair o que há de melhor em si ou nos outros.

Há alguma pergunta sobre esse assunto, meus amigos?

PERGUNTA: Como tudo isso se relaciona ao Complexo de Édipo?

RESPOSTA: Quando existe a condição que é chamada de Complexo de Édipo, a conexão entre ela e o conflito sobre o qual discuti é a seguinte: o despertar do instinto sexual se mistura ao anseio por ser amado pela figura parental que representava a rejeição. Sempre que isso acontece o conflito se agrava. Quando o despertar do instinto sexual se volta para a outra pessoa do casal, aquela que não rejeitava, ou que rejeitava menos, os problemas que agora estamos discutindo, talvez não se coloquem de forma tão forte, mas a condição da alma pode se tornar mais complicada e conflituosa. Vejam, é impossível generalizar. Cada caso varia de pessoa a pessoa e tem que ser investigado. Só então, se poderá perceber como tudo se conecta.

PERGUNTA: Li um livro intitulado Consciência Cósmica. Neste livro é dito que “a perda do sentido do pecado é uma das características mais impressionantes do estado de Consciência Cósmica”. O que significa isso?

RESPOSTA: Nosso mundo na Terra, como todos sabem através das palestras e ensinamentos que têm recebido, é um mundo de irreabilidade. Podem chamá-lo de realidade temporária. Tudo que vivenciam, as conclusões a que chegam pela lógica superficial do seu intelecto que ignora a verdade espiritual e absoluta é enganoso. Tem um valor limitado como, por exemplo, as conclusões errôneas da alma. Quando a criança chega a essas conclusões, estas têm sua própria verdade e seus valores limitados que se aplicam a uma dada situação de forma correta. Como já disse em outra conexão, essas conclusões têm sua lógica peculiar, mesmo que limitada. Entretanto, apesar de corretas, quando aplicadas a uma dada situação ou circunstância particular, são erradas e irrealistas referente à verdade da vida. Existe uma relação desse tipo tanto nas conclusões e deduções que o intelecto faz cor-

retamente às circunstâncias temporárias de certas condições de vida no plano da Terra, quanto no mundo das leis espirituais da realidade absoluta onde essas mesmas deduções e conclusões não se aplicam.

O pecado, como todos sabem, nada mais é que insegurança. É uma distorção. Ninguém é mau, malvado ou maligno porque gosta de sê-lo. Talvez seja assim porque pensa, de forma equivocada que isso lhe serve como proteção. Quanto mais se analisam e se compreendem, mais perceberão o que é verdade no seu próprio caso e o que também é verdade para os outros. Assim, quando as pessoas forem más, vocês não se sentirão mais amedrontados ou envolvidos pessoalmente. Isso não mais lhes causará sofrimento. Isso pode parecer impossível, mas é verdade.

Quando se alcança esse estado de consciência e se tem um vislumbre da Verdade Absoluta, percebe-se que não existe a maldade, a ruindade, o pecado, a malignidade. Tudo isso só vigora no momento em que estão vivendo na esfera terrestre, com uma visão limitada originária de suas próprias distorções. Quando conseguirem se elevar acima deste estado de erro, verão que todo o mal existente neste plano nada mais é que uma arma de defesa ou melhor, uma arma pseudodefensiva, já que na realidade seu efeito acaba sendo ao contrário.

Quando conseguirem compreender o motivo do mal e do pecado, não mais continuarão a temê-lo, não mais se sentirão pessoalmente em risco, conseqüentemente, irão sentir que esse motivo perde sua realidade. Todos vocês estão à caminho de vivenciar essa verdade em algum grau. Ao perceberem suas próprias conclusões errôneas e conseguirem anulá-las, nada mais irá se colocar entre vocês, o amor e a vivência da liberdade. Desse modo retiram aquela parte que se encontrava na escuridão, que era egoísta e que não conseguia amar devido às conclusões errôneas. Ao encontrarem e retirarem o equívoco passam a viver segundo os conceitos verdadeiros da realidade. Poderão então, amar sem medo e viver sem pecado, se desejam usar essa expressão. É por isso que o mal e o pecado são apenas produtos de um mundo ilusório que existe apenas enquanto vivem nessa ilusão, mas que não possuem qualquer realidade absoluta.

Quando conseguirem elevar sua consciência, se libertarão desse mundo que não terá, mais, qualquer realidade. Mesmo quando o virem nos outros, sua consciência elevada lhes permitirá ver através dele, compreendendo seu significado, sua origem, assim percebendo seu efeito puramente temporário. Na verdade, ele não tem qualquer efeito sobre a realidade de forma alguma. Só afeta aqueles que ainda vivem na ilusão e apenas no próprio momento em que a estão vivendo.

PERGUNTA: Gostaria de fazer uma pergunta sobre o Gênesis. No Jardim do Éden, as duas árvores: compreendo porque a fruta da Árvore do Conhecimento foi proibida, porque tivemos que compreendê-lo pouco a pouco por nossos próprios meios, em vez de simplesmente receber a explicação dada numa bandeja de prata. Mas não entendo a outra árvore, a da imortalidade. Afinal, como espíritos, somos imortais de qualquer maneira; assim, já comemos a fruta. Porque ela é proibida?

RESPOSTA: Isso se refere à vida na Terra, é claro. Aplica-se, tal como na Árvore do Conhecimento, ao espírito encarnado. O significado das duas árvores não poderia de forma alguma referir-se ao espírito liberado que vive na realidade absoluta do Mundo Espiritual. Se o homem nascesse com a convicção interna, a certeza interna, de que é imortal em espírito sem ter que fazer todo o esforço de busca do autodesenvolvimento e de purificação, seu instinto de sobrevivência seria muito fraco. Ele tem que ter essa incerteza na medida em que ainda tem que resolver seus problemas e suas

confusões internas. Essa incerteza lhe serve de proteção. Sem ela, não enfrentaria as dificuldades da vida na Terra, seria preguiçoso. Talvez ele preferisse se desenvolver de forma mais lenta ou se satisfazer com uma consciência ligeiramente elevada que lhe garantisse melhores condições, mas que não lhe daria o incentivo para se libertar de forma completa e entrar num estado de unidade. Se o homem não se apegasse tanto à vida na Terra devido à sua incerteza, todo o Plano de Salvação só se tornaria realidade muito mais tarde. É a proibição desse conhecimento que apressa o desenvolvimento.

Por outro lado, se o sentido interno e a convicção da imortalidade surgem a partir de um árduo trabalho de desenvolvimento não reduzirá a vontade de viver na Terra. Pelo contrário, a vida na Terra será bem vinda em outro sentido mesmo mais do que antes, quando o homem simplesmente se apegava porque não se sentia seguro. A alegria de viver na Terra com o conhecimento de que existe um estado muito melhor é um subproduto do desenvolvimento espiritual, um subproduto de um estado mais elevado de consciência. Aqueles que trabalham para alcançar um estado mais elevado de consciência sabem que são imortais. Sabem disso porque trabalharam arduamente para conseguir se libertar do erro. Assim, encontrarão beleza na vida na Terra, não porque pensam que essa é a única forma de vida e que têm que se apegar a ela, mas porque sabem que há mais. A ausência desse estado elevado de consciência pode tornar a vida na Terra muito difícil; a perspectiva é ainda mais sombria porque vocês ainda vivem na ilusão do mal e do pecado, do erro e das concepções errôneas. Mas, não importa quanto seja difícil chegar a esse estado mais elevado, se a autodestrutividade não for excessivamente forte, se apegarão a esta vida – e isso é bom e importante. Entretanto, sem o autodesenvolvimento criado de forma orgânica, ou se a convicção interna da imortalidade (não apenas a crença de que ela existe) lhes fosse dada “numa bandeja de prata” como você colocou, não haveria tanto apego à vida. Não digo que uma pessoa assim fosse necessariamente cometer suicídio; mas sua luta por manter-se vivo, sua alegria de viver mesmo que se manifestasse em raras ocasiões, sua capacidade de ver beleza na vida não estaria desperta. Isso responde à sua pergunta?

Deixemos isso para a próxima vez, quando tivermos uma sessão para perguntas e respostas. Tudo que não entenderem de minha resposta, por favor, peçam que eu esclareça na próxima vez.

Meus queridos amigos, agora vou me retirar para meu mundo e lhes deixo bênçãos com amor e força, com toda a ajuda que podemos dar uns aos outros, a todos que estão neste Caminho. Que o desejo que têm de trabalhar em si mesmos para alcançar a verdadeira liberdade lhes dê a alegria que estão chamados a ter e que podem conseguir por meio da autoliberação. Sejam abençoados, meus queridos amigos, fiquem em paz, fiquem com Deus.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.